

DISCURSO E ESTÉTICA DA EXISTÊNCIA A PARTIR DOS MISTÉRIOS DE CLARICE LISPECTOR

Thaise Maria Armelin Elias¹

Denise Gabriel Witzel²

Resumo: Clarice Lispector, uma das maiores e mais importantes escritoras brasileiras do século XX, sempre fascinou os brasileiros desde sua vinda para o Brasil. Um ar de mistério sempre a permeou e inquietou a muitos, sendo considerada uma figura indescritível e enigmática, a “Esfinge do Rio de Janeiro”, segundo Moser (2017, p. 14) a descreve em sua biografia, material de análise deste artigo. Assim, atreladas teórica e metodologicamente aos Estudos Discursivos Foucaultianos, analisamos discursos materializados nessa biografia, atentas à relação entre língua, história e sujeito, de modo a relacionarmos os mistérios de Clarice a uma estética de existência. Nessa direção, as reflexões dão relevo aos acontecimentos que apontam para os modos de subjetividade da autora, mulher que não se enquadrou aos preceitos morais e éticos do seu tempo, mostrando que é possível lutar contra eles, conduzindo-se a favor de si.

Palavras-chave: Estudos Discursivos Foucaultianos. História. Língua. Subjetividade. Sujeito.

Discourse and Aesthetics of Existence from the mysteries of Clarice Lispector

Abstract: Clarice Lispector, one of the greatest and most important Brazilian writers of the 20th century, has always fascinated Brazilians since her arrival in Brazil. An air of mystery has always permeated her and disturbed many, being considered an indescribable and enigmatic figure, the “Sphinx of Rio de Janeiro”, according to Moser (2017, p. 14) described in her biography, material for analysis in this article. Thus, theoretically and methodologically linked to Foucaultian Discursive Studies, we analyze discourses materialized in this biography, attentive to the relationship between language, history and subject, in order to relate Clarice’s mysteries to an aesthetic of existence. In this direction, the reflections highlight the events that point to the author’s modes of subjectivity, a woman who did not fit in with the moral and ethical precepts of her time, showing that it is possible to fight against them, acting in her own favor.

Keywords: Foucauldian Discursive Studies. History. Language. Subjectivity. Subject.

1 Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Letras, PPGL. E-mail: thaiseaelias@gmail.com

2 Doutorado em Letras, UNESP/Araraquara e docente do Programa de Pós-graduação em Letras, PPGL. E-mail denise@unicentro.br

Introdução

Clarice veio de um mistério, partiu para outro. (Carlos Drummond de Andrade In Moser, 2017, p. 15)

Clarice Lispector é uma das escritoras modernistas do século XX mais lidas e estudadas da literatura brasileira. Seus romances, contos e crônicas sempre instigaram o público pela sua maneira peculiar de escrever. “Não haverá, de certo, uma explicação tangível e aceitável para o mistério da linguagem e do estilo de Clarice Lispector, disse o poeta Lêdo Ivo” (MOSER, 2017, p. 23). A inovação do estilo clariceano surgiu diferente de tudo o que já existira na literatura brasileira, trazendo, por meio de sua escrita, uma experiência nova para os leitores. Acusada de hermética, tirou elogios de grandes críticos como Antonio Candido, que admirou a ousadia da escritora, uma vez que “soube transformar em valores as palavras nas quais muitos não veem mais do que sons e sinais” (CANDIDO, 1970, p. 131). Por conseguinte, ela, ao nos brindar com textos que não apenas narravam fatos e acontecimentos, já que parecia perscrutar o interior dos indivíduos, marcou a história da literatura brasileira de maneira inusitada e única.

Essa singularidade era vislumbrada tanto na escrita de Clarice quanto na sua vida, na sua maneira de ser e de existir, fascinando muitos que a conheceram – pela escrita e/ou pela convivência - desde sua vinda para o Brasil. Um ar de mistério sempre a permeou e inquietou a muitos, conforme destacado na epígrafe inicial, sendo considerada uma figura indescritível e indecifrável. Sua vida, de acordo com Moser (2017), era comparada com a vida de alguns santos, como Santa Teresa d’Ávila e São João da Cruz, visto que foi atravessada pelo misticismo que encobria a região onde nasceu. A autora não gostava muito de falar sobre si e sobre suas origens, deixando, então, lacunas de informações as quais possibilitaram a emergência de inúmeras

formas de apresentá-la, descrevê-la e, extensivamente, de subjetivá-la pelo funcionamento da língua, linguagem e, como veremos, pelo discurso. A indecifrável e mitológica Clarice, mesmo vivendo no século XX, em uma grande cidade como o Rio de Janeiro, permaneceu envolvida em uma aura de mistério. “Clarice era uma estrangeira na Terra. Dava a impressão de andar no mundo como quem desembarca de noite numa cidade desconhecida onde há greve geral de transportes” (MOSER, 2017, p. 15), escreveu um amigo depois de sua morte.

Dessa forma, com o objetivo de compreendermos a emergência de discursos que tratam dessa “aura de mistério” em torno dessa “estrangeira na Terra”, organizamos este estudo em duas partes, além desta introdução e das considerações finais: na primeira, apresentaremos os conceitos foucaultianos que cercearão as reflexões em torno do que se diz/disse sobre a autora, notadamente, os conceitos de discurso, sujeito, subjetividade e objetividade, de modo a traçarmos os fundamentos de uma estética de existência, somando-se, ainda, o conceito de memória discursiva, formulado por Courtine (2014); na segunda parte, daremos visibilidade aos enunciados que apontam para aspectos de sua vida que vão na contramão daquilo que se esperava de uma escritora notável do século XX e que, por isso, passou a ser considerada como mulher misteriosa. O material de análise são sequências enunciativas materializadas no livro *Clarice*, uma biografia, de Benjamin Moser, indo ao encontro da premissa foucaultiana de que “não somos nada além do que aquilo que foi dito, há séculos, meses, semanas” (FOUCAULT, 2003, p. 256).

Alguns conceitos foucaultianos: entrelaces

Cada discurso encobria o poder de dizer algo diferente do que ele dizia e de englobar, assim, uma pluralidade de sentidos: pletora do significado em relação a um significante único. Assim estudado, o discurso é ao mes-

mo tempo, plenitude e riqueza indefinida. (FOUCAULT, 2014, p. 145)

Adentrar na esteira da Análise do Discurso significa evocar o filósofo francês Michel Foucault (1926-1984) considerado um dos maiores intelectuais do século XX cujos estudos fundamentam questões centrais para o pensamento contemporâneo de um modo geral e auxiliam os estudiosos em suas diferentes análises. De acordo com Gregolin, a “abrangência de suas temáticas, a solidez de sua argumentação, e a perspicácia de suas problematizações desafiam os limites disciplinares e instigam uma pluralidade de leituras” (GREGOLIN, 2016, p.118). Para ancorarmos nossas reflexões em suas formulações e apropriarmos-nos de suas contribuições para a análise do discurso é imprescindível e, ao mesmo tempo, instigante, adentrar em um caminho sem volta, isto é, um percurso de descobertas e redescobertas, de idas e vindas, um retorno ao passado, à história para buscar compreender nossa atualidade, respondendo à questão central de sua obra, disponível em muitos ditos e escritos: Quem somos nós hoje?

Apesar das inúmeras contribuições do filósofo para as diversas áreas do conhecimento, fixar-nos-emos no seu aporte indiscutível concedido à Análise do Discurso. Esta, a partir de Michel Foucault, “convida à construção de objetos discursivos numa tríplice tensão entre a sistematicidade da linguagem, da historicidade e da produção de subjetividades (GREGOLIN, 2016, p. 120). Assim, desde 1960, mesmo não objetivando criar uma teoria do discurso, como fez Michel Pêcheux³, Foucault tomou para si o discurso enquanto objeto de análise. Nas pala-

3 “Michel Pêcheux nasceu em Tours em 1938 e morreu em Paris em 1983. Ele é o fundador da Escola Francesa de Análise de Discurso que teoriza como a linguagem é materializada na ideologia e como esta se manifesta na linguagem. Concebe o discurso como um lugar particular em que esta relação ocorre e, pela análise do funcionamento discursivo, ele objetiva explicitar os mecanismos da determinação histórica dos processos de significação” (ORLANDI, 2005, p. 10).

bras do próprio autor, lemos:

Eu me dei como objeto uma análise do discurso, fora de qualquer ponto de vista. Meu programa se fundamenta nos métodos da linguística. A noção de estrutura não tem nenhum sentido para mim. O que me interessa, no problema do discurso, é o fato de que alguém disse alguma coisa em um dado momento. Isto é o que eu chamo de acontecimento. Para mim, trata-se de considerar o discurso como uma série de acontecimentos, de estabelecer e descrever as relações que esses acontecimentos – que podemos chamar de acontecimentos discursivos – mantêm com outros acontecimentos que pertencem ao sistema econômico, ou ao campo político, ou às instituições. (...) O fato de eu considerar o discurso como uma série de acontecimentos nos situa automaticamente na dimensão da história (...). Se faço isso é com o objetivo de saber o que somos hoje. Quero concentrar meu estudo no que nos acontece hoje, no que somos, no que é nossa sociedade. Penso que há, em nossa sociedade e naquilo que somos, uma dimensão histórica profunda e, no interior desse espaço histórico, os acontecimentos discursivos que se produziram há séculos ou há anos são muito importantes. Somos inextricavelmente ligados aos acontecimentos discursivos. Em um certo sentido, não somos nada além do que aquilo que foi dito, há séculos, meses, semanas (FOUCAULT, 2006, p. 255).

Nesse viés, este estudo é guiado teórica e metodologicamente pelos seguintes pressupostos conceituais em relação ao discurso, assim resumido por Witzel (2022): a) o discurso é analisado como uma prática que provém da formação dos saberes e se articula com outras práticas não discursivas; b) trata-se de um jogo estratégico e polêmico constitutivo de saberes de um certo momento histórico; c) o discurso é o espaço em que saber e poder se articulam (quem fala, fala de algum lugar, a partir de um direito reconhecido institucionalmente); d) a produção do discurso é controlada, selecionada, organizada e redistribuída por procedimentos que visam a determinar aquilo que pode ser dito em um certo momento histórico; e) enfim, o discurso é visto como um bem finito, limitado, desejá-

vel e útil, “que tem suas regras de aparecimento e também suas condições de apropriação e de utilização; um bem que coloca, por conseguinte, desde sua existência (e não simplesmente em suas ‘aplicações práticas’) a questão do poder; um bem que é, por natureza, o objeto de uma luta” (FOUCAULT, 2014, p.137).

Apesar do grande interesse de Michel Foucault pelo discurso, a ponto de tomá-lo como objeto, a grande preocupação do filósofo é com o sujeito, ou melhor, com o modo como o ser humano se transforma em sujeito, visto que “O sujeito é constituído por discursos historicamente produzidos e modificados; assim como o discurso, o sujeito está em constante produção. É marcado por movências e é constituído pelos discursos” (FERNANDES, 2012, p. 16).

Partindo, portanto, do pressuposto de que o sujeito ocupa um lugar essencial na obra de Michel Foucault, vislumbra-se um deslocamento de uma visão essencialista e universal do sujeito para um sujeito “anônimo e inconclusivo, isto é, sujeito construído, produto histórico de processos de subjetivação” (GREGOLIN, 2016, p. 131). Face a uma ontologia histórica de nós mesmos, destacam-se os três domínios da genealogia problematizados pelo filósofo ao longo de sua obra:

Primeiro, uma ontologia histórica de nós mesmos em relação à verdade através da qual nos constituímos como sujeitos de saber; segundo, uma ontologia histórica de nós mesmos em relação a um campo de poder através do qual nos constituímos como sujeitos de ação sobre os outros. Terceiro, uma ontologia histórica em relação à ética através da qual nos constituímos como agentes morais (FOUCAULT, 1995, p. 233).

O sujeito, nessa perspectiva, passa a ser visto como um “sujeito discursivo, compreendido como um lugar sócio-histórico discursivamente produzido, heterogêneo, plural, sempre em processo de constituição” (FERNANDES, 2012, p. 16). Assim sendo, podemos tomar o discurso como constituinte do sujeito, aqui pre-

cisamente o sujeito Clarice Lispector, em relação à história.

Face às questões do discurso e sujeito, torna-se importante salientar que o sujeito enquanto efeito dos discursos implica modos de subjetivação, visto que a subjetividade, na fase arqueológica foucaultiana se dá pelo exterior. Em outras palavras, a prática da subjetividade, viabilizada por discursos exteriores, apresenta-se como um recurso de constituição do sujeito. Por objetivação, entendem-se os processos que, enraizados na densidade histórica da discursividade, transformam os seres humanos em objeto de conhecimento. Assim, a objetivação surge como efeito da subjetivação a qual revela o exterior como determinante do interior, sendo sempre marcada na relação com o discurso.

A produção de subjetividade é constante, uma vez que o sujeito está sempre em construção. Ele está em meio às relações de poder que, por sua vez, visa nortear as condutas recaindo sob a produção de subjetividade. “Os discursos, compreendidos como exteriores aos sujeitos, são sempre o motriz dos dispositivos possibilitadores e/ ou determinantes de sua constituição e da produção da subjetividade” (FERNANDES, 2012, p. 86). Nessa linha de raciocínio, o sujeito Clarice, de forma racional, norteou as suas subjetividades, mesmo sabendo que é impossível estar fora das relações de poder, levando-a, então, a ser objetivada, pela ótica do biógrafo, como mulher misteriosa, como veremos mais à frente.

Vale lembrar que, até a fase genealógica, Foucault pensava o sujeito como resultado de efeitos de relações de poder, isto é, como uma objetivação. No entanto, conforme explica Fontoura (2008), a partir do segundo volume da História da Sexualidade, há um deslocamento teórico, diferenciando-se da ideia de uma microfísica do poder. Ao sujeito individualizado por relações de poder acrescenta-se, agora, um caráter ativo, antes não pensado. Nas palavras de Gregolin, “o problema – ao mesmo tempo político, ético, social e filosófico – que se nos co-

loca na modernidade não é o de tentar libertar o indivíduo do Estado e das suas instituições, mas o de libertá-lo das representações de individualização criadas pelo poder globalizador” (GREGOLIN, 2016, p. 134). Nesse viés,

Talvez o objetivo hoje em dia não seja descobrir o que somos, mas recusar o que somos. Temos que imaginar e construir o que poderíamos ser para nos livrar-nos deste duplo constrangimento político, que é a simultânea individualização e totalização própria às estruturas do poder moderno. Temos que promover novas formas de subjetividade, através da recusa deste tipo de individualidade que nos foi imposto há vários séculos (FOUCAULT, 1995, p.239).

Com esse deslocamento, inicia-se a terceira fase de Foucault. Segundo Fernandes, “esta passagem é movida pelo tema poder, visto que os estudos sobre o poder em relação com o discurso levaram Foucault a pensá-lo em relação com a subjetividade, como as técnicas e o governo de si, questões que, então, passaram a ocupar lugar central em suas pesquisas” (FERNANDES, 2012, p. 71). São esses pontos, colocados em relevo na terceira fase, que serão articulados de forma específica nas análises das sequências enunciativas adiante, em que elucidaremos Clarice Lispector como um sujeito mulher que desobedece para obedecer a si mesma, melhor dizendo, que resiste as subjetivações impostas, tomando a frente do curso de sua vida, em um cuidado de si, eleito como uma estética de existência e, que por conta dessa escolha, passa a ser objetivada como misteriosa.

Por fim, é de suma importância para este estudo, voltarmos à noção de memória discursiva configurada por Jean-Jacques Courtine que, baseando-se no pressuposto foucaultiano segundo o qual “não há enunciados que, de uma forma ou de outra, não reatualize outros enunciados” (FOUCAULT, 2014, p. 119), formula o conceito de memória discursiva. Em sua tese de doutorado *Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos*, ao refutar a

dimensão psicológica da memória e privilegiar a reflexão histórica, afirma que é na atualidade do acontecimento que a memória discursiva irrompe, quer dizer, “A noção de memória discursiva diz respeito à existência histórica do enunciado no interior de práticas discursivas” (COURTINE, 2014, p. 105-106).

Nesse viés, importa a relação indissociável entre língua, sujeito e história, notadamente o fato de que na trama dessa relação, enredam-se saberes e efeitos de poder vinculados a esses saberes e (re)produtores de discursos. Destarte, paralelas e intrinsecamente ligadas ao discurso e à memória discursiva, desenvolveremos gestos de análises focalizando os processos de objetivação e subjetivação do sujeito Clarice Lispector, articulados às verdades da produção discursiva disponibilizadas em Moser (2017). Vale sublinhar, face ao que foi apresentado até aqui, que a subjetividade não se refere à identificação de um sujeito como categoria ontologicamente invariável e/ou universal; trata-se, antes, de modos de agir, de “processos de subjetivação modificáveis e plurais” (GREGOLIN, 2016, p.120).

Clarice, a mulher misteriosa

Por conta dos mistérios que sempre envolveram suas raízes, visto que chegava a mentir sobre a idade com que chegou ao Brasil, afirmando não saber nada sobre o lugar de onde veio, Clarice Lispector foi considerada, como já destacamos, indecifrável, indescritível, misteriosa e, por isso, inquietante. De acordo com o escritor e amigo Lúcio Cardoso, ninguém conseguia encará-la por muito tempo devido ao seu olhar intenso e penetrante. Ela, que visitara o Egito, não se impressionou com suas pirâmides e nem se sentiu intimidada diante da Esfinge, uma vez que guardava mais mistérios do que ela. Mas, apesar de todos os questionamentos a respeito de sua vida e suas raízes, não gostava muito de falar sobre si. Essa aura de mistério e de silêncio encobria um nascimento pobre e brutal, em meio a uma horrível guerra civil na

Ucrânia, muito distante do Brasil, em que um número exorbitante de judeus foi exterminado de forma cruel, a ponto da autora desejar nascer de novo para reescrever a história de seu nascimento.

Tomando as condições sócio-históricas de emergência dos enunciados, passemos a focalizar séries – dentro de outras séries - enunciativas, as quais apontam para uma regularidade que posiciona o objeto desta pesquisa como mulher misteriosa. Colocaremos em movimento a premissa foucaultiana de que o sujeito está em constante produção; é um efeito das relações dos discursos construídos historicamente nas relações de poder, por práticas de objetivação e subjetivação, sem perder de vista de que estamos diante de uma dispersão discursiva e que o enunciado, aqui organizados em SE – sequência enunciativa – é um átomo do discurso que “de um lado, é um gesto; de outro, liga-se a uma memória, tem uma materialidade; é único, mas está aberto à repetição e se liga ao passado e ao futuro” (FOUCAULT, 2014, 34-35), sendo impossível descrevê-lo na sua totalidade.

Organizamos nosso gesto de análise apresentando a sigla SE em ordem numérica e reunindo aquelas que gravitam em torno do tema aqui eleito: mulher misteriosa.

SEQUÊNCIA ENUNCIATIVA 1:

“Sou tão misteriosa que não me entendo” (Clarice Lispector *In Moser*, 2017, p. 16).

SEQUÊNCIA ENUNCIATIVA 2:

“Muita coisa não posso te contar. Não vou ser autobiográfica. Quero ser bio” (Clarice Lispector *In Moser*, 2017, p. 18).

SEQUÊNCIA ENUNCIATIVA 3:

“Tinha algo da humildade de uma camponesa mesclada à altivez de uma rainha” (Olga Borelli *In Moser*, 2017, p. 380).

Na primeira sequência enunciativa, Moser (2017) coloca-nos diante de uma afirmação, ou melhor, de uma declaração enunciada por Clarice, a qual aponta a posição de um sujeito que se autodeclara confusa por conta de seus mistérios. O uso do verbo “ser” na primeira pessoa do presente do indicativo, aliado ao advérbio de intensidade “tão”, liga o sujeito desinencial “eu” à intensidade de seu mistério, explicando o motivo, a partir da conjunção “que”, pelo qual a levou a uma dificuldade de entender-se, ressaltado, ainda, pelo advérbio de negação “não”. Dessa maneira, ao declarar-se misteriosa, a mulher Clarice corrobora os dizeres que apontam para a aura de mistério que sempre a rodeou desde sua vinda para o Brasil e sua posição de personalidade rara e singular, a qual frequentemente perturbava e, ao mesmo tempo, fascinava as pessoas. Segundo Moser (2017), sua postura misteriosa era o aspecto mais notável de sua personalidade, escapando a toda explicação.

Por essa descrição, temos um discurso formatando um sujeito que guarda o mistério de seu nascimento, em meio à Guerra Civil Russa, conforme já apontado no início deste tópico, mas também esconde uma mulher que se divide entre a profissão e a maternidade, atualizando, via memória discursiva, os discursos referentes ao cotidiano de incontáveis mulheres que, no decorrer da história, também enfrentaram esse desafio. Heroínas que batalharam para entrar no mercado de trabalho, tentando desvencilhar-se de práticas discursivas que as acorrentavam à inferioridade e, conseqüentemente, aos serviços domésticos, não deixando, no entanto, de exercerem a maternidade, vista por Perrot (2003), como um fator social, imposto e controlado pela sociedade.

Assim sendo, esse enunciado possui como referente o mistério vivido pela/na intensidade do embate mãe e escritora. Esta última lutou desde cedo pelo seu lugar, por lugares outros, desbravando cargos, antes raramente alcançados pelo feminino. A primeira, que não gostava de falar de seu nascimento e de suas raízes, que

não concebia entrevistas, insistia, segundo Moser, que era simplesmente uma dona de casa, “e aqueles que chegavam esperando encontrar uma Esfinge muitas vezes encontravam uma mãe judia oferecendo bolinhos e coca-cola” (2017, p. 16). Com sua impetuosidade, sempre em busca de liberdade pessoal e artística, desconcertava a muitos, pois demonstrava também seu lado materno. Conta-nos Moser (2017) que quando seus filhos eram pequenos, a autora escrevia na sala com a máquina de escrever no colo para poder dar-lhes atenção e para que pudessem interrompê-la quando quisessem.

Ora, em meio às lutas para publicar seus livros, ela afirmou que queria ser mãe “Nasci para amar os outros, nasci para escrever e nasci para criar meus filhos” (Clarice Lispector In Moser, 2017, p. 228). Mas o peso da função materna não deixou de pesar sobre ela. Seu filho Pedro um dia lhe disse que não queria que ela escrevesse porque era mãe. Nesse contexto, a partir da SE 1, Moser nos apresenta Clarice como uma figura humana a qual continuou conciliando profissão e maternidade, contribuindo para a perpetuação dos enigmas que a envolviam e lembrando um feminino que enfrenta o desafio de equilibrar-se nesses dois extremos até os dias atuais.

Na materialidade do enunciado “Sou tão misteriosa que não me entendo”, destaca-se, ainda, a prática de narrar-se, de falar/escrever sobre si, compreendida por Foucault como um cuidado de si, pois esse tipo de enunciado seria uma estratégia narrativa/discursiva que vai ao encontro dos mistérios de uma mulher que, no conflito entre ser mãe e ser escritora, ansiava por liberdade. Dito de outro modo, Foucault (1992) tratou da escrita de si dos antigos filósofos gregos, compreendida como uma técnica de aperfeiçoamento do sujeito e/ou transformação da subjetividade, para mostrar que as verdades registradas nas escritas, a exemplo das correspondências, eram transformadas em êthos. Nas verdades dadas a ler na SE1, há uma relação com essas práticas antigas, de modo que sua

afirmação seguida da negação implica modos de existência de um sujeito incompreendido, enigmático e, como fica claro ao longo da biografia em destaque aqui, impenetrável.

Nessa mesma linha de entendimento sobre as técnicas de si, a SE 2 colabora para a confirmação e a perpetuação da autora como mulher misteriosa. Ao afirmar que não queria ser autobiográfica, ou seja, que ela não queria falar dela mesma, posiciona-se, de forma contrária ao que todos esperavam de uma escritora que irrompeu no século XX de maneira tão categórica. Ao invés de colocar-se frente aos holofotes, concedendo entrevistas e expondo seus feitos, preferiu permanecer às sombras de seus silêncios e mistérios, afirmando que queria ser bio, ou melhor, que discorressem sobre ela.

Esse enunciado encontra-se no livro *Água Viva* escrito por ela e publicado em 1973. Narrado em primeira pessoa e de forma, aparentemente, bem espontânea, foi considerado por muitos críticos como uma narrativa sem enredo, ou “um romance sem romance, não se vinculando a nenhum gênero literário” (ALENCAR, 2014, p.1). Diferentemente de tudo que foi escrito no Brasil na época, *Água Viva* parece ser um clímax do início ao fim. Nele, a autora, de modo fragmentado, metafórico e introspectivo, discorre sobre o tempo, questionando a existência e a vida por meio dos devaneios de uma pintora solitária. De acordo com o biógrafo, este livro causou o mesmo impacto que *Perto do Coração Selvagem*, escrito trinta anos antes, por marcar de maneira radical e inovadora a forma, o filosófico e o emocional. Como em muitos de seus escritos, a autora, enquanto sujeito mulher, parece fundir-se com a narradora, numa espécie de autobiografia. “Muito de sua obra era autobiográfico. Ela quase nunca escrevera sobre si própria tão literalmente, preferindo esconder-se por trás de seus personagens ou no interior de suas alegorias” (MOSEER, 2017, p. 384). Por mais que em alguns momentos, ela negue que suas obras sejam como tais “Eu que apareço neste livro não sou eu. Não é autobiográfico, vocês

não sabem nada de mim. Nunca te disse e nunca te direi quem sou” (LISPECTOR, In Moser, 2017, p. 434), em outros, parece confessar, como explicado a Olga Borelli: “Tenho, Olga, que arranjar outra forma de escrever. Bem perto da verdade (qual?), mas não pessoal” (LISPECTOR, In Moser, 2017, p. 384).

Sendo assim, ao assumir tal posição ou, ao escolher viver de forma reservada, preferindo ser narrada pelo olhar do outro a falar sobre si, revela uma atitude singular dela diante da vida. Essa escolha nos remete à palavra grega *bíos*, discorrida por Foucault no livro *Subjetividade e Verdade*, a qual nos coloca diante de uma escolha peculiar de vida. Para o filósofo, essa palavra traduz o que significa conduzir-se, uma vez que não se trata apenas do curso da vida, mas também de como escolhemos, pessoalmente e racionalmente, cursá-la e modificá-la em função de si. Sob a ótica do autor

O *bíos* é o que nos acontece, é claro, mas pelo ângulo do que fazemos com o que nos acontece. É o curso da existência, mas levando em conta o fato de esse curso estar indissociavelmente ligado à possibilidade de conduzi-lo, de transformá-lo, de direcioná-lo neste ou naquele sentido (FOUCAULT, 2016, p. 33).

Essa escolha de moldar sua subjetividade diante da vida, de preservar seu si ético, em virtude de suas verdades e de seus silêncios interiores, é, na esteira de Foucault, uma técnica de si que, mais uma vez, aponta para uma estética de existência, advinda de um trabalho de si sobre si, pois ao guardar detalhes de sua vida, em um momento em que todos queriam saber quem ela era, é uma maneira de impor resistência às redes de poder que tentam normalizar e padronizar os indivíduos, notadamente uma mulher escritora no enorme alcance como o dela. Quer dizer, estabelecer seu modo de vida, voltando para si, reflexivamente, significa eleger uma estética de existência em que o sujeito “alcança momentos de liberdade e dá a si mesmo regras de existên-

cia distintas de padrões e normas ditadas pelas relações sociais, esculpindo, assim como obra de arte, sua vida e subjetividade” (GALVÃO, 2014, p. 158).

Essa concepção ética exposta por Foucault na sua última fase, consiste no trabalho do sujeito sobre a própria subjetividade, objetivando conduzir-se e expressar seu próprio estilo de vida, fugindo dos jogos de poder que tentam desviá-lo de suas vontades. Assim dizendo, em meio aos micropoderes espalhados na sociedade, foi necessário que o sujeito impusesse resistência na busca de sua autonomia. Nas palavras de Foucault, essa concepção nada mais é que

Práticas reflexivas e voluntárias pelas quais os homens não somente se fixam regras de conduta, mas também buscam se transformar, se modificar em seu ser singular, e fazer de sua vida uma obra que porte certos valores estéticos e responda a certos critérios de estilo (FOUCAULT, 2006, p. 545).

Nessa perspectiva, aquela que viveu uma vida em resistência, adotou sua maneira particular de viver, o seu *bíos*, posicionando-se de maneira racional diante do curso da vida, ou seja, ao optar por viver misteriosamente, imersa em seus silêncios, assumiu uma maneira peculiar de existência, optando por esculpir a sua subjetividade, liberando-se dos padrões impostos por uma sociedade que desejava desvendá-la, descrevê-la e perscrutá-la.

O mistério, a incapacidade de descrever Clarice, suas múltiplas designações, devido a dualidade descrita acima e a escolha de sua subjetividade, também está presente na SE 3 proferida por Olga Borelli. Olga foi uma, dentre as muitas pessoas, que passaram pela vida da autora, tornando-se uma essencial figura nos últimos anos de sua vida. Envolvida por anos com empreendimentos de caridade por ter sido freira, Olga, desde quando a conheceu, dedicou-se inteiramente a ela, sendo quem segurou a sua mão na

hora da morte⁴. Entrou na sua vida num momento de muita solidão, exercendo um papel de grande amiga e figura materna para aquela que havia perdido a mãe muito cedo. “Ela agia como uma espécie de embaixatriz entre a escritora e o mundo exterior” (MOSER, 2017, p. 381). Conheceu-a pela televisão, enquanto lia um de seus livros, *A Paixão segundo G. H.*, e, com a sensação de que a conhecia há anos, convidou-a para participar de uma campanha que visava arrecadar fundos para uma das fundações da qual era voluntária. Tiveram então a oportunidade de se encontrarem e conversarem.

Essa sequência, a exemplo da primeira, também retrata uma dualidade, uma oposição, uma mistura de características, de designações, que mantém e regulariza o mistério e a singularidade de Clarice apontada por Moser e que tanto chamava a atenção das pessoas. Borelli, ao usar o adjetivo “mesclada”, liga Lispector a uma posição humana, humilde, simples de uma camponesa, daquela que trabalha discretamente no campo, mas, ao mesmo tempo, a uma posição altiva, de nobreza, de dignidade, de protagonista a qual lutava por seus direitos e desejos.

Ainda, a oposição dos substantivos “camponesa” e “rainha” relacionados a autora coloca em funcionamento a memória de um feminino enraizado, historicamente, em meio aos jogos de verdade, ao estigma da simplicidade, da sensibilidade, da discrição, da ingenuidade, em oposição a um feminino que lutou, reinventou-se, buscou novas formas de subjetividade e com muita resistência, coragem e desobediência mudou a história, objetivando elevar-se à altura dos homens, colocando-se num nível de igualdade e despindo-se de estigmas fincados nas bases do patriarcado. Em outros termos, essa sequência evidencia, através dos nós existentes no discurso, uma antiga divisão muito discutida e analisada em relação ao ser mulher: “de um lado, aquelas que correspondiam aos tradicionais ideais femininos por serem castas, fiéis, obedien-

⁴ Clarice faleceu no dia 9 de dezembro de 1977, no Rio de Janeiro, vítima de um câncer no ovário (MOSER, 2017).

tes, boas esposas e mães; de outro, aquelas que provocavam repúdio por serem feiticeiras, lésbicas, rebeldes, anarquistas, prostitutas e loucas” (WITZEL e TEIXEIRA, 2020, p. 247).

Destarte, essa oposição marca uma regularidade, evidenciando a postura enigmática da autora, sua personalidade singular e suas múltiplas e entrelaçadas designações, as quais levaram-na a ser descrita como quase tudo. “Uma autoridade atestará que era de direita, e outra, que era comunista. Uma insistirá que era uma católica devota, embora na verdade fosse judia” (MOSER, 2017, p. 16).

Cabe ainda salientar que a escritora escreveu, em alguns momentos, fazendo uso de pseudônimos, o que contribuiu para enfatizar sua personalidade misteriosa. O primeiro foi Teresa Quadros, criado para assinar a seção *Entre Mulheres* direcionada ao público feminino do jornal *Comício* do Rio de Janeiro. O segundo foi Helen Palmer, usado para assinar a coluna de beleza do jornal carioca *Correio da Manhã*. Nesse, Clarice era paga por uma fabricante de cremes faciais para atrair as mulheres aos balcões de cosméticos. Mas é claro que a astuta colonista não ficava apenas no nível da futilidade. Segundo Moser (2017), ela exortava suas leitoras a irem muito além da beleza, a não serem limitadas a atrair os olhares dos homens; incentivava a busca pela modernidade, quer dizer, o ler e o saber.

Esses pseudônimos, usados para falar de coisas frívolas como beleza e rotina doméstica, escondiam a complexidade de uma mulher e de uma escritora que se preocupava com as mais profundas dimensões do ser humano. A linguagem usada por ela nas colunas destoava da profundidade com a qual ela marcava seus outros escritos. Mas por se tratar de Lispector, mesmo presa ao terreno jornalístico destinado às mulheres da época, conseguiu desestabilizar as páginas que escreveu. De acordo com Nunes, esses pseudônimos, máscaras usadas pela autora, “protegiam a identidade de Clarice, mas não a impediam de atuar. Presa pelo discurso fluente

da narradora e desarmada pelos laços da intimidade a que fora convidada, a leitora de jornal não se dava conta do jogo a que estava sendo submetida” (NUNES, 2010, p. 75). Sendo assim, essa troca de identidade, além de escondê-la ainda mais em seus mistérios, auxiliou o aparecimento de suas múltiplas designações. Dito de outra maneira

Ao mesmo tempo em que a máscara esconde o rosto de quem a usa, o jogo do disfarce, por sua vez, mesmo que discretamente, apresentará indícios de que existe uma identidade por trás da máscara. Uma via de mão dupla: a mesma máscara que camufla chama a atenção para o que oculta (NUNES, 2010, p. 74).

Por conseguinte, três enunciados tão simples, mas que quando colocados em relação a um referencial, opõe-se à lógica, dado que não se apresentam de forma visível. Melhor dizendo, três enunciados não visíveis e não ocultos (FOUCAULT, 2014). Não ocultos porque foram proferidos, porque tem sua existência singular, material, e não visíveis, pois não significa que é visível porque foi enunciado, mas sim, porque se encontram nele questões cotidianas tão conhecidas, que acabam por passar despercebidas, dentro de uma sociedade patriarcal e machista, tão acostumada, em meio ao seu poder, a voltar-se para seus próprios interesses, deixando as mulheres às margens de suas lutas por dignidade, liberdade e autonomia.

Cercada pelo vazio de informações que envolvia suas raízes, pelo embate que vivenciava: mãe e escritora e pelas suas variadas adjetivações, as quais inquietava a muitos, cresceu, de acordo com Moser, toda uma mitologia em torno de Clarice, ou como diria Foucault (1996), vontades de verdade sobre essa mulher. Mesmo destacando-se no Brasil, desde sua adolescência, tornando-se mais tarde uma figura pública, conseguiu permanecer enigmática. “Muitas pessoas a viam como estranha, misteriosa e difícil, um gênio místico incognoscível, muito acima,

e fora, do grosso da humanidade” (MOSER, 2017, p. 382).

Considerações finais

Analisar o sujeito Clarice Lispector pelo viés dos Estudos Discursivos Foucaultianos nos proporcionou uma experiência analítica para além de sua literatura, haja vista que a grande preocupação de Michel Foucault sempre foi com o sujeito e com aquilo que se diz sobre ele. Portanto, ao perpassarmos a autora e seus processos de subjetivação e objetivação pela ótica do biógrafo Benjamin Moser, isto é, ao analisarmos os discursos que fundaram esse sujeito, deparamo-nos com uma mulher ora mãe, ora escritora, pensada, analisada e desejada como uma figura misteriosa. Logo, evidenciamos a objetivação como efeito da subjetivação, conforme nos aponta Fernandes (2012). Em outras palavras, percebemos um sujeito em movimento, em constante produção, que se subjetivou acolhendo a outras verdades, buscando outras formas de subjetividade e, por isso, foi objetivada como misteriosa.

Na atualização dos enunciados destacados da biografia escrita por Benjamin Moser sobressaem-se sentidos que apontam para a existência peculiar do sujeito Clarice Lispector, isto é, ao assumir uma postura ética diante da vida, fazendo suas escolhas e agindo, racionalmente, sobre suas subjetividades, escolheu o seu bíos, a sua estética de existência, contrária do que se esperava de uma autora que emergiu, no século XX, de maneira tão categórica. Dito de outra forma, ela não se deixou enquadrar, padronizar, mas resistiu às subjetividades impostas pela sociedade, mostrando que é possível o sujeito lutar contra elas, conduzindo-se a favor de si e de sua autonomia.

Dessa forma, Clarice contribuiu para a perpetuação de seus mistérios a ponto de ser objetivada pelo olhar do biógrafo como uma mulher misteriosa, fazendo valer o pensamento foucaultiano de que o que importa é o sujeito

imerso na história e aquilo que se diz sobre ele (FOUCAULT, 2003), isto é, a relação indissociável entre língua, sujeito e história.

Referências Bibliográficas

- ALENCAR, Katya Queiros. Água Viva, Clarice Lispector e o cabalismo profético secularizado: especulações na escrita do eu. *Maaravi*. Belo Horizonte, v. 8, n. 14, 1-25, 2014.
- CANDIDO, Antonio. No raiar de Clarice Lispector. In: *Vários Escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 1970.
- COURTINE, Jean-Jacques. Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos. São Carlos: EdUFSCar, 2014.
- FERNANDES, Cleudemar Alves. Discurso e sujeito em Michel Foucault. São Paulo: Intermédios, 2012.
- FONTOURA, Cesar Tadeu. Michel Foucault e a problematização do poder. *Intuitio*. Porto Alegre, vol. 1, n. 2, p. 68-88, 2008.
- FOUCAULT, Michel. Subjetividade e Verdade: curso no Collège de France (1980-1981). Ed. Frédéric Gross. Dir. François Ewald e Alessandro Fontana. Trad. Rosemary Costhek Abílio. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2016.
- FOUCAULT, Michel. A arqueologia do saber. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.
- FOUCAULT, Michel. Michel Foucault: Estratégia, Poder-Saber. Rio de Janeiro, 2ª Edição: Forense Universitária, 2006.
- FOUCAULT, Michel. Diálogos sobre o poder. Ditos e escritos. Estratégias, Poder-Saber. MOTTA, Manoel de Barros da (Org.). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003. V.4.
- FOUCAULT, Michel. A Ordem do Discurso. Aula inaugural no Collège de France. Pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola: 1996.
- FOUCAULT, Michel. O Sujeito e o Poder. In: RABINOV, P. e DREYFUS, H. Michel Foucault: Uma Trajetória Filosófica - para além do estruturalismo e da hermenêutica. Trad. Vera Porto Carrero. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995, p. 229-249.
- FOUCAULT, Micehl. A escrita de si. In: *O que é um autor?* Lisboa: Passagens, 1992, p. 129-160.
- GALVÃO, Bruno Abílio. A ética em Michel Foucault: do cuidado de si à estética de existência. *Intuitio*. Porto Alegre, vol. 7, nº 1, 157 – 168, 2014.
- GREGOLIN, Maria do Rosário Valencise. Michel Foucault: Uma teoria crítica que entrelaça o discurso, a verdade e a subjetividade. In: *Um mapa da crítica nos estudos da linguagem e do discurso*. FERREIRA, Ruberval e RAJAGOPALAN, Kanavilil (Org.). São Paulo: Pontes, 2016.
- MOSER, Benjamin. Clarice, uma biografia. Trad. José Geraldo Couto. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- NUNES, Aparecida Maria. Dissimulações de Clarice Lispector. *Olho d'água*. São José do Rio Preto, 2(2), 66-77, 2010.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. Michel Pêcheux e a Análise de Discurso (Michel Pêcheux et l'Analyse de Discours). *Estudos da Língua(gem)*, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 9-13, 2005. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/estudos-dalinguagem/article/view/973>. Acesso em: 14 mai. 2023.
- PERROT, Michelle. Os silêncios do corpo da mulher. In: *O corpo feminino em debate*. MATOS, Maria Izilda S. de e SOIHET, Rachel

(Org.). São Paulo: Editora UNESP, 2003. p. 13-27.

WITZEL, Denise Gabriel e TEIXEIRA, Nínia Cecília Ribas Borges. Discurso e memória de uma mulher desobediente em carta à Rainha Louca. Interfaces. Vol. 11, n. 4, 246-258, 2020.

WITZEL, Denise Gabriel. Discurso, corpo utópico e escrita de/em si. Revista da Anpoll. Florianópolis, v. 53, n.2, p. 281-297, mai/ago. 2022. Disponível em: <https://revistadaanpoll.emnuvens.com.br/revista/article/view/1746>.

Acesso em: 12 mai. 2023.

Submissão: maio de 2023.

Aceite: maio de 2023.